

“O diário de Alonzo Typer”¹ – H.P. Lovecraft e William Lumley**Tradução: Mário Jorge Laila Vargas**

NOTA DE EDITOR: Alonzo Hasbrouch Typer, de Quensintão, Nova Iorque, foi visto por último e reconhecido em 17 de abril de 1908, ao redor de meio-dia, no hotel Richmond em Batávia. Era o único sobrevivente duma antiga linhagem rural de Úlster e tinha 53 anos na hora da desapareição.

Senhor Typer foi educado em particular e nas universidades Colúmbia e Raidelberga. Toda sua vida se passou como estudante. Seu campo de pesquisa incluía muitas obscuras e, geralmente, temidas regiões fronteiriças do conhecimento humano. Seus documentos sobre vampirismo, gules e fenômenos de poltergaiste foram impressos por conta própria após rejeição de muitos editores. Se desligou da Sociedade pra Pesquisa Física em 1900 após uma série de controvérsia peculiarmente amarga.

Em muitas ocasiões viajou extensivamente e, às vezes, se ausentava durante longos períodos. É conhecido por ter visitado regiões obscuras no Nepal, Índia, Tibete, e Indochina, e passou a maior parte do ano 1899 na misteriosa ilha de Páscoa. A procura extensiva ao senhor Typer depois de sua desapareição não deu resultado e sua propriedade foi dividida entre primas distantes da cidade de Nova Iorque.

O diário narrando isto foi, supostamente, achado na ruína dum casarão rural perto de Ática, Nova Iorque, que mantinha uma reputação particularmente sinistra durante gerações antes do colapso. O edifício era, realmente, muito velho, anterior à colonização branca da região, e fora residência duma estranha e reservada família chamada van der Heyl que tinha migrado de Álbani em 1746 envolta em suspeita de bruxaria. A estrutura provavelmente datava de 1760.

Da história dos van der Heyl muito pouco é conhecido. Permaneceram completamente indiferentes a seus vizinhos normais, empregavam criados negros trazidos diretamente da África, falavam pouco inglês e educavam as crianças particularmente e em faculdades européias. Esses que foram mundo afora logo foram perdidos de vista, entretanto não antes de ganharem má reputação associados a instituições populares negras e cultos de significado ainda mais obscuro.

Ao redor da temida casa uma aldeia dispersa surgiu, povoada por índios e depois por renegados da região circunvizinha, que mantinha o duvidoso nome de Corazim. Das singulares tensões hereditárias que, posteriormente, apareceram aos confusos aldeãos de Corazim várias monografias foram escritas por etnólogos. Bem atrás da aldeia e diante da casa van der Heyl está uma colina íngreme coroada com um anel peculiar de antigas pedras eretas com as quais os iroqueses sempre olharam com medo e repugnância. A origem do diário de Alonzo Typer e a natureza das pedras cuja datação que, de acordo com provas arqueológicas e climatológicas, deve ser fabulosamente antiga, ainda é um problema não solucionado.

De 1795 a diante as lendas dos pioneiros e colonos mais recentes têm muito a dizer sobre gritos estranhos e cantos que procedem a certa estação de Corazim, do casarão e da colina de pedras eretas. Entretanto há razão pra supor que os ruídos cessaram em 1872, quando toda a casa van der Heyl, os criados e tudo, desapareceu de repente.

Desde então a casa permaneceu abandonada. Outros eventos desastrosos, incluindo três mortes inexplicadas, cinco desaparecimentos e quatro casos de loucura súbita, aconteceram quando os donos mais recentes e visitas interessadas tentaram nela permanecer. A casa, aldeia, e extensas áreas rurais, em toda parte, foram revertidas ao estado e leiloadas na ausência de herdeiros conhecidos dos van der Heyl. Desde 1890 os donos (sucessivamente o recente Charles A. Shields e seu filho Oscar S. Shields, de Búfalo) deixaram toda a propriedade em estado de absoluta negligência e advertiram todos os curiosos a não visitar a região.

¹ Escrito em outubro de 1935. Publicado em fevereiro de 1938 em *Weird tales*, 31, #2, 152-66

Dos que se sabe terem se aproximado da casa durante os últimos quarenta anos a maioria era estudante de ocultismo, oficial de polícia, jornalista e outras personagens estranhas em circulação. Um dos seguintes era um eurasiático misterioso, provavelmente da Cochinchina, cuja mais recente exibição com a mente em branco e bizarras mutilações chamou a atenção da grande imprensa em 1903.

O diário de senhor Typer, um livro de, aproximadamente, 6×3½ polegadas, com papel resistente e uma estranha e durável liga metálica de folha fina, foi descoberto em posse dum dos decadentes aldeãos de Corazim, em 16 de novembro de 1935, por um policial estatal enviado pra investigar o propalado colapso da abandonada mansão van der Heyl. A casa realmente tinha ruído, obviamente de idade avançada e decrepitude, com o vento forte de 12 de novembro. A desintegração estava peculiarmente completa e nenhuma busca completa da ruína poderia ser feita nalgumas semanas. John Eagle, o moreno, cara-de-macaco, bugre aldeão que tinha o diário, disse ter achado o livro bem perto da superfície do escombros, no que deveria ter sido um quarto dianteiro superior.

Muito pouco do conteúdo da casa poderia ser identificado, entretanto uma enorme abóbada de tijolo incrivelmente sólida no porão (cuja antiga porta de ferro teve que ser dinamitada por causa da estranha forma de obstinada e tenaz fechadura) permaneceu intata e apresentou várias características enigmáticas. Em primeiro lugar as paredes foram cobertas asperamente com hieróglifos de ainda indecifrado traço na obra de alvenaria. Outra peculiaridade era uma abertura circular enorme no fundo da abóbada, bloqueada por uma gruta, evidentemente por causa da queda da casa.

Mas o mais estranho de tudo, o aparentemente recente depósito dalguma substância fedorenta, enlodada, negra como azeviche, estava no chão lajeado e que estendia num quintal uma linha irregular que termina numa abertura circular bloqueada. Os que primeiro abriram a abóbada declararam que o lugar cheirava como um serpentário num jardim zoológico.

O diário, que foi feito, aparentemente, só pra fazer uma investigação na temida casa van der Heyl pelo desaparecido senhor Typer, foi demonstrado, por peritos grafotécnicos, ser genuíno. A escritura mostra sinais de aumentar a tensão nervosa quando avança ao fim, e há lugares onde fica quase ilegível. Aldeãos de Corazim, cuja estupidez e taciturnidade confundem todos os estudantes da região e seus segredos, não tiveram lembrança de senhor Typer como um dos ilustres visitantes da temida casa.

O texto do diário é literalmente textual e sem comentário. Como interpretar e, diferente da loucura do escritor, deduzir? Que o leitor decida por si. Só o futuro pode dizer se seu esforço pode resolver um mistério de antigas gerações. Pode ser dito que esses genealogistas confirmam a memória relatada por senhor Typer no assunto de Adriaen Sleght.

O diário

Cheguei aqui aproximadamente às 18h. Tive de percorrer todo o caminho de Ática a pé ante uma tempestade iminente, pois ninguém me alugaria um cavalo ou equipamento, e não posso andar de automóvel. Este lugar é ainda pior do que eu esperava, e eu temia o porvir, embora queira, ao mesmo tempo, desvendar o segredo. Bem cedo anoitecia, o velho horror do sabá de Valpúrgis, e após aquela temporada em Gales sei o quê procurar. Doravante não vacilarei. Picado por algum desejo insondável dei minha vida inteira à indagação de mistérios profanos. Vim aqui só pra isso e não tripudiarei com destino.

Estava muito escuro quando cheguei aqui, entretanto o sol não aparecia. As nuvens tempestuosas eram as mais densas que já vira e eu não achava o caminho por causa dos relâmpagos. A aldeia é um detestável pequeno remanso e seus poucos habitantes eram nada mais que simplórios. Um deles me saudou dum modo estranho, como se me conhecesse. Eu podia ver muito pouco da paisagem, um vale pantanoso de estranho matagal marrom e fungos venenosos cercado por mirradas árvores maliciosamente torcidas com ramos nus. Atrás da aldeia uma tristonha colina em cujo ápice está um círculo de grandes pedras com uma pedra ao centro. Essa, sem comentário, é a coisa vil primordial que V... me disse sobre o N... inquestionável.

O casarão contrastava no meio dum enorme parque repleto de exóticas roseiras bravas. Mal o pude transpor e, quando quase o fiz, a velhice e decrepitude do edifício me detiveram. O lugar parecia imundo e doentio e quis saber como um edifício tão ruinoso podia se manter ereto. É de madeira e, entretanto, suas linhas originais estão escondidas por um desnorteante emaranhado de alas sobrepostas a várias datas. Creio que foi construído primeiro no antiquado estilo colonial da Nova Inglaterra. Provavelmente isso era mais fácil construir que uma casa de pedra holandesa. Também lembro da esposa de Dirck van der Heyl, que veio de Salém, filha do não mencionável Abaddon Corey. Havia uma pequena varanda de pilares e me abriguei sob ela quando se desencadeou a tempestade. Foi uma tempestade diabólica, negra como a meia-noite, com chuva cerrada, trovão e raio como no dia do júízo final e um vento fustigante.

Destranquei a porta, peguei minha lanterna e entrei. A poeira estava grossa, polegadas cobrindo o chão e a mobília. O lugar tinha cheiro de bolor de tumba. Havia um corredor que atravessava todo o percurso e um escadaria encaracolada à direita.

Trilhei meu caminho escada acima e escolhi o quarto da frente pra me hospedar. Todo o lugar parece bem mobiliado, entretanto a maior parte da mobília está se desintegrando. Isso foi escrito às 8h, depois duma comida fria de minha mochila. Depois disso as aldeãos trarão material pra mim. Mas não concordarão em chegar mais perto que a ruína do portão do parque.

Eu queria me libertar dum sentimento desagradável de familiaridade com este lugar.

Depois

Estou consciente de várias presenças nesta casa. A pessoa me é francamente hostil. Uma vontade malévola que tenta me destruir e me superar. Não devo ter vislumbrado seu semblante um instante mas devo me esforçar ao máximo pra resistir. É horripilantemente malévola e, definitivamente, inumana. Creio que se alia a poderes de fora da Terra. Poderes no espaço aquém e além do universo. Sobressai como um colosso e confirma o que consta nos escritos de Aklo. Há tal sentimento de imensidão associado a ela que quero saber como estas câmaras podem conter seu volume, ainda que não tenha dimensão aparente. Sua idade deve ser inconcebivelmente remota, terrivelmente indescritível.

18 de abril

Dormi muito pouco ontem na noite. Às 3h da manhã um estranho vento rasteiro começou a penetrar na região inteira, sempre subindo até a casa, oscilando como um tufão. Quando descii na escadaria pra ver a porta dianteira sacudindo a escuridão criou formas semi-visíveis em minha imaginação. Só sob a aterrissagem fui empurrado violentamente por trás. Pelo vento, suponho. Entretanto poderia ter jurado ter visto traços etéreos duma gigantesca garra negra quando me virei depressa. Não perdi o júízo mas, certamente, terminei a descida e tirei a pesada tranca da porta que tremia perigosamente.

Não pretendia explorar a casa antes do amanhecer. Contudo, agora, impossibilitado de dormir novamente, e excitado com terror misturado a curiosidade, me sentia relutante em adiar minha procura. Com minha poderosa lanterna caminhei no pó à grande sala de estar sul onde sabia que os retratos estariam. Lá estavam, da mesma maneira que V... tinha dito, e como eu parecia saber muito bem dalguma fonte obscura. Alguns estavam muito enegrecidos e manchados pra que eu pudesse identificar mas dos traços que pude discernir reconheci que realmente eram da odiosa linhagem van der Heyl. Algumas das pinturas pareciam sugerir faces que eu conhecia, mas exatamente quais faces não pude lembrar.

O esboço daquele terrível Joris híbrido, parido em 1773 pela filha mais jovem de Dirck, era o mais óbvio de tudo. Eu podia localizar os olhos verdes e o olhar de serpente em sua face. Toda vez que eu apagava a lanterna a face parecia brilhar na escuridão até que eu meio que imaginei que brilhava com uma fosforescência esverdeada própria. Quanto mais eu olhava pior me parecia. Me virei pra evitar ver mudança de expressão.

Mas o ao qual me virei era ainda pior. A face longa, severa, pequena, olhos, próximos, fixos e de feição suína característica o identificam imediatamente, embora o artista tivesse se esforçado

pra fazer o focinho parecer tão humano quanto possível. Era isso que V... tinha sussurrado. Quando o fitei, horrorizado, pensei que os olhos assumiram um brilho avermelhado e, num momento, o fundo parecia substituído por uma cena estranha e, aparentemente, irrelevante: Um solitário, deserto terreno de caça sob um céu amarelo borrado, onde cultivavam um maltratado arbusto de espinheira negra. Temendo por minha sanidade apressei a saída daquela galeria amaldiçoada ao canto espanado escada acima onde tenho meu *acampamento*.

Depois

Decidi explorar um pouco mais os cantos labirínticos da casa à luz diurna. Não posso estar perdido, minhas pegadas estão visíveis no pó e posso traçar outras marcas de identificação quando necessário. É curioso como facilmente aprendo a complexa sinuosidade dos corredores. Segui um longo corredor, um puxado que dava ao exterior na extremidade boreal, e surgiu uma porta trancada que forcei. Além havia um quarto muito pequeno bastante atulhado de mobília e com o revestimento de painéis carcomido. Na parede exterior espiei um vão escuro atrás do madeirame apodrecido e descobri uma estreita passagem secreta que conduz a negra profundidade desconhecida. Era uma rampa íngreme ou túnel sem degrau ou alçapão. Eu queria saber pra quê teria servido.

Sobre a lareira estava uma pintura bolorenta que achei no final da inspeção como sendo duma mulher jovem à moda do século 18. A face é de beleza clássica, contudo, com a expressão mais diabolicamente má que eu alguma vez vira o semblante humano ostentar. Não somente desumanidade, cobiça, e crueldade mas um pouco de hediondez além da compreensão humana parece se sentar nessas características finamente esculpidas. E me pareceu que o artista, ou o lento processo de bolor e decadência, tinha dado àquela aparência pálida um doentio matiz esverdeado e sugeria uma quase imperceptível textura escamosa. Depois ascendi ao sótão onde achei vários volumes de livros estranhos, muitos de aspecto totalmente estranho tanto nas letras como na aparência física. Um continha variantes do formulário de Aklo que eu não sabia que existia. Mas ainda não examinei os livros nas estantes empoeiradas do andar de baixo.

19 de abril

Com certeza, há presenças não vistas aqui, embora o pó não apresente pegada além das minhas. Tomei um atalho pelo jardim de roseira brava ao portão do parque onde meu material permanece mas nesta manhã o achei fechado. Muito estranho: Desde então os arbustos estão se revigorando com seiva primaveral. Logo tive aquele sentimento dalgo próximo tão colossal que é espantoso as câmaras a conterem. Dessa vez senti que uma das presenças é de grande envergadura. E sei agora que o terceiro ritual de Aklo, que achei ontem naquele livro no sótão, faria tal presença ficar sólida e visível. Não sei se ousarei tentar essa materialização. Os perigos são grandes.

Ontem na noite comecei a ver fugazmente sombrios rostos evanescentes e formas nos cantos escuros dos corredores e câmaras. Faces e forma tão horrorosas e repugnantes que não ousou descrever. Pareciam aliados em substância àquela garra titânica que tentou me empurrar escadaria abaixo na noite anterior. Deve ser, obviamente, fantasmagoria de minha imaginação transtornada. O que estou buscando não seria algo bem assim. Vi a garra novamente, às vezes só e, às vezes, com sua companheira mas decidi ignorar todo o fenômeno.

No começo desta tarde explorei o porão em primeira vez e descii numa escada de mão encontrada num alojamento cujos degraus de madeira tinham apodrecido. O lugar todo é uma massa de incrustação nitrosa com montículos amorfos que marcam as manchas onde vários objetos se desintegraram. No extremo mais distante tem uma passagem estreita que parece se estender sob o puxado boreal onde achei o quarto meio fechado e no término uma espessa parede de tijolo tem uma porta férrea trancada. Pertencendo aparentemente a uma abóbada dalgum tipo, essa parede tem evidências de batente de porta artesanal do século 18 e deve ser contemporânea às adições mais antigas à casa, claramente pré-revolucionária. Na fechadura que é, obviamente, mais velha que o resto do ferragem ornamental estão gravados certos símbolos que não pude decifrar.

V... não me tinha falado sobre essa abóbada. Me dá mais inquietação que qualquer outra coisa que já vi. Toda vez que me aproximo tenho um impulso quase irresistível de escutar algo. Até agora nenhum som desfavorável marcou minha permanência neste lugar maligno. Quando saí do porão desejei ardentemente que as pegadas ainda estivessem lá. Minha subida na escada de mão parecia assustadoramente lenta. Não quero descer até lá novamente. E ainda algum gênio mau me instiga a tentar isso na noite se eu quiser aprender a lição.

20 de abril

Perscrutei a profundidade de horror mas só senti o silêncio abissal. Ontem na noite a tentação era muito forte e, nos breves intervalos de escuridão, desci mais uma vez àquele infernal porão nitroso com minha lanterna e andei nas pontas dos pés entre os amontoados amorfos àquela terrível parede de tijolo e porta trancada. Não fiz ruído e me abstive de sussurrar qualquer encantamento que eu conhecia mas escutei com furiosa obstinação.

Afinal senti os sons de além dessa barreira de chapa de ferro dentro da qual gigantescas coisas noturnas ameaçavam e murmuravam. Havia também um detestável serpenteio, como duma gigantesca serpente ou monstro marinho que arrasta seus monstruosos coleios sobre um chão pavimentado. Quase paralisado de espanto dei uma olhadela à enorme fechadura mofada e aos estranhos hieróglifos secretos entalhados nela. Tinham sinais que não reconheci e algo em sua técnica vagamente mongólica remetia a uma antigüidade blasfema e indescritível. Às vezes imaginei que poderia os ver brilhar com uma luz esverdeada.

Me virei pra fugir mas vi aquelas garras gigantescas atrás de mim, as grandes garras que pareciam inchar e ficar mais tangíveis quando as contemplava. Fora da maligna escuridão do porão, com sombrios meneios de pulsos escamosos atrás delas e com uma traiçoeira e maligna vontade que guia seu horrível tatear. Então ouvi atrás, dentro daquela abominável abóbada, um estouro fresco de reverberações amortizadas que pareciam ecoar de horizontes longínquos como um distante trovão. Impelido por esse pavor avancei em direção às garras sombrias com minha lanterna e as vi desaparecer diante da plenitude da luz elétrica. Então corri pra subir na escada de mão com a lanterna entre dentes e não descansaria enquanto não chegasse a meu acampamento do andar superior.

Qual será fim não ousou imaginar. Vim como investigador mas agora sei que algo está me procurando. Não pude ir embora quando queria. Nesta manhã tentei ir ao portão com meu equipamento mas encontrei as roseiras bravas tenazmente retorcidas em meu caminho. Era o mesmo em toda direção: Atrás e em todos os lados da casa. Nalguns lugares os cipós farpados marrons se espiralavam a alturas surpreendentes e formavam um tapume pra barrar meu egresso. Os aldeões estão relacionados a tudo isso. Quando cheguei ao recinto coberto encontrei meu equipamento no grande corredor dianteiro. Não tenho pista de como foram parar lá. Me arrependi de ter varrido o pó. Eu deveria espalhar um pouco mais e ver quais impressões permanecem.

Nesta tarde li alguns dos livros na grande biblioteca sombria no fundo do andar térreo, e tive certas suspeitas que não resisto mencionar. Eu nunca tinha visto o texto dos Manuscritos pncóticos ou dos Fragmentos de Eltdown e não teria vindo àqui se soubesse o conteúdo. Agora acredito que é muito recente, pois o terrível sabá será, apenas, daqui a dez dias. Porque aquela noite de horror será minha salvação.

21 de abril

Estudei os retratos novamente. Alguns têm nomes anexos. Notei um, duma mulher mal-encarada, pintado há uns dois séculos, que me confundiu. Tinha o nome de Trintje van der Heyl Sleght e tive a distinta impressão de ter conhecido o nome *Sleght* antes, nalguma relação significativa. Então não era horrível mas ficou. Tenho de matutar pra achar uma pista.

Os olhos dos quadros me assombam. É possível que alguns deles estejam se exumando mais perceptivelmente da mortalha de pó, decomposição e mofo? As fisionomias ofídicas e bruxos de feição suína me encaram horrivelmente de suas molduras enegrecidas e um grupo doutros rostos híbridos começa a perscrutar o lado de cá da sombria profundidade. Há um horripilante semblante de

familiaridade neles todos, e o que é humano é mais horrível que o inumano. Queria que me lembrassem menos outros rostos, rostos que eu conhecia. Era uma linhagem amaldiçoada e Cornelis de Leydon era o pior deles. Era quem, sem dinheiro, descia a barreira depois que seu pai achou a outra chave. Estou seguro que V... sabe só um fragmento da horrenda verdade, de forma que estou realmente desprevenido e indefeso. Qual linhagem antes da velha-guarda? O que fez em 1591 nunca poderia ter sido acabado sem gerações de herança maligna ou algum vínculo com o exterior. E que descendência essa linhagem monstruosa gerou? Estão espalhados no mundo. Tudo o que esperam é sua comum herança de horror? Preciso lembrar o lugar específico onde vi o nome *Sleght*.

Queria ter certeza de que esses quadros sempre ficam na moldura. Agora, durante várias horas, vi presenças momentâneas como aquelas garras e a face sombria e formas duplicando alguns dos antigos retratos próximos. De certo modo nunca vislumbrei uma presença e o retrato ao mesmo tempo. A luz sempre está errada num ou noutro ou a presença e o retrato estão em aposentos diferentes.

Talvez, como esperava, as presenças são mero produto da imaginação mas não tenho certeza. Alguns são femininos e da mesma beleza infernal do quadro no pequeno aposento trancado. Vi que alguns estão sem moldura, examinei suas feições desconhecidas pintadas, escondidas sob o molde de fuligem de telas que não pude decifrar. Alguns, temo desesperadamente, se aproximaram da materialização sólida ou semi-sólida e alguns têm uma espantosa e inexplicada familiaridade.

Há uma mulher que, com tanta beleza e encanto, superou todo o resto. Seu charme e veneno são como a flor adocicada que cresce na beira do Inferno. Quando a olho de perto desaparece, só reaparecendo depois. Sua face tem um matiz esverdeado e, de vez em quando, imagino poder espiar uma suspeita escama em sua lisa textura. Quem é ela? É aquele ser que morou no pequeno quarto trancado mais dum século atrás?

Meu equipamento novamente ficou no corredor dianteiro, como de hábito. Salpiquei pó pra colher pegadas mas nesta manhã todo o corredor foi varrido por algum agente desconhecido.

22 de abril

Foi um dia de horrível descoberta. Explorei novamente o sótão infestado de teia de aranha e achei uma arca talhada tombada, claramente holandesa, cheia de livros blasfemos e papelada mais velha que qualquer outra até então encontrada aqui. Havia um Necronomicão grego, um Livre d'Eibon, de Norman-French e uma primeira edição antiga de *De vermibus mysteriis*, de Ludvig Prinn. Mas o antigo manuscrito encadernado era o pior. Estava em baixo latim, o mais estranho, na garatuja de Claes van der Heyl, sendo, evidentemente, o diário ou caderno mantido por ele entre 1560 e 1580. Quando desprendi o gancho prateado enegrecido e abri as folhas amareladas um desenho colorido caiu. A imagem duma monstruosa criatura que não se assemelha a algo mais que um calamar bicudo e tentacular, com grandes olhos amarelos e abominável semelhança com a forma humana em sua silhueta.

Nunca vira antes uma forma tão repugnante e de pesadelo. Nas patas, pés, e cabeça tentacular havia garras curiosas me fazendo lembrar as etéreas formas colossais que Tateavam tão horrivelmente no escuro em meu caminho, enquanto a entidade se sentou como um todo num grande trono tipo pedestal inscrito com hieroglifos desconhecidos de cunho vagamente chinês. Sobre a escritura e a imagem pairava um ar de sinistra malignidade tão profundo e penetrante que não pude pensar ser isso o produto dalgum lugar ou época. Antes devia aquela monstruosa forma concentrar todo o mal num espaço ilimitado, ao longo das eras passadas e futuras. Esses sinistros símbolos são ícones de vil significado dotados duma mórbida vida própria pronta a saltar do pergaminho pra destruir o leitor. Pro significado daquele monstro e desses hieroglifos não encontrei pista mas soube que fora localizado com precisão infernal e sem propósito mencionável. Quando estudei os maliciosos caracteres a afinidade com os símbolos naquela ominosa fechadura no porão ficou cada vez mais evidente. Deixei o quadro no sótão, pois jamais poderia dormir perto de tal coisa.

Passei toda a tarde lendo o velho livro manuscrito de Claes van der Heyl. O que li confundirá e deixará horrorizado qualquer um que viva depois de mim. A gênese do mundo e de

mundos anteriores se desdobrou ante meus olhos. Aprendi que a cidade Chambala, construída pelos lemurianos 50 milhões de anos atrás ainda se mantém inviolada atrás de sua parede de força psíquica no exílio oriental. Aprendi do Livro de Dziã, cujos primeiro seis capítulos pré-datam a Terra, e que já era antigo quando os senhores de Vênus cruzaram o espaço em suas naves pra civilizar nosso planeta. E vi registrado por escrito, em primeira vez, aquele nome que outros me disseram sussurrando e sobre o qual eu soubera dum modo mais reservado e mais horrível: O temido e terrível nome de Yian-Ho.

Em muitos lugares eu precisava subir a passagens que requerem uma chave. Finalmente, após várias alusões, concluí que o velho Claes não tinha ousado registrar todo seu conhecimento num livro mas deixara certos pontos pra outro. Nenhum volume é completamente inteligível sem seu companheiro. Conseqüentemente me dispus a achar o segundo volume nalgum lugar dentro desta casa amaldiçoada. Embora claramente prisioneiro não perdi meu eterno amor ao desconhecido. E estou determinado a sondar o cosmo tão profundamente quanto possível antes do juízo final.

23 de abril

Procurei, durante toda a manhã, o segundo diário, e o encontrei no meio-dia numa escrivania no pequeno aposento trancado. Como o primeiro, redigido no bárbaro latim de Claes van der Heyl, parece consistir em notas esparsas que se referem a várias seções do outro. Folheando vi, imediatamente, o abominado nome de Yian-Ho, aquela cidade perdida e oculta na qual se aninhavam segredos ancestrais e da qual as mais obscuras recordações, mais antigas que o corpo espreitam no âmago da mente de todos os homens. Isso foi repetido muitas vezes e o texto ao redor estava claramente pontilhado com toscos hieroglifos claramente similares àqueles do pedestal cujo desenho infernal eu tinha visto. Aqui, obviamente, estava a chave daquela monstruosa forma tentacular e sua mensagem proibida. Com esse conhecimento ascendi os degraus rangendo ao sótão de teias de aranha e horror.

Quando tentei abrir, a porta do sótão não aderiu como antes. Várias vezes resistiu a todo esforço pra abrir. Quando, afinal, consegui tive uma clara sensação de que alguma colossal forma não vista a tinha soltado de repente. Uma forma que planava ao longe, imaterial mas com audível bater de asas. Quando achei o horrível desenho percebi que não era exatamente onde o tinha deixado. Aplicando a chave ao outro livro logo vi que o seguinte não era um guia imediato ao segredo. Só uma pista a um obscuro segredo que foi muito bem guardado. Levaria horas, talvez dias, pra extrair a terrível mensagem.

Viverei o suficiente pra desvendar o segredo? Os assombrados braços negros e garras agora assombram cada vez mais minha vista. Parece até mais titânico que no princípio. Nunca quis libertar essas vagas presenças inumanas cujo tamanho nebuloso parece muito grande pra ser contido nas câmaras. E de vez em quando as grotescas faces, as formas evanescentes e as molduras zombeteiras se reúnem em minha frente numa desnorteante confusão.

Realmente, é um terrível arcano primevo da Terra que é melhor ser deixado em paz e esquecido. Segredos terríveis que nada têm a ver com o homem, homem esse que só pode aprender em troca de paz e sanidade. Verdades secretas que fazem do sábio um eternamente estranho entre os seus e o faz caminhar solitário na Terra. Igualmente, há sobrevivências terríveis de coisas mais antigas e mais potentes que o homem. Coisas blasfemas que perambulavam em idades remotas nunca suspeitadas. Monstruosas entidades eternamente adormecidas em incríveis criptas e remotas cavernas, fora das leis de causa e efeito. Estará pronto pra ser despertado por tais blasfemadores quem souber seus obscuros sinais proibidos e contra-senhas furtivas.

24 de abril

Estudei o quadro e a chave o dia todo no sótão. No crepúsculo ouvi sons estranhos, dum tipo não encontrado antes e parecendo vir de longe. Escutando, percebi que têm que fluir daquela estranha colina abrupta com o círculo de pedras eretas que contrasta atrás da aldeia a alguma distância ao norte da casa. Ouvi dizer que aquele era um atalho levando da casa ao topo daquela

colina rumo ao primitivo cromeleche. Tendo suspeitado disso, em certas ocasiões, van der Heyl teve muita oportunidade de experimentar mas todo o assunto ficara, até agora, oculto em minha consciência. Os sons consistiam num soar estridente misturado a um tipo peculiar e horroroso de assobio ou silvo e um bizarro tipo de música como nunca descrito nos anais terrenos. Era muito lânguido e logo enfraquecia mas o argumento era conhecido, pensei. Está prà colina tal qual a puxada nortista com a calha secreta e a abóbada de tijolo fechada estendida embaixo. Pode haver alguma conexão que de longe me passou despercebida?

25 de abril

Fiz uma peculiar e perturbadora descoberta sobre a natureza de minha encarceragem. Atraído à colina por um sinistro fascínio encontrei as roseiras bravas postadas atrás de mim, mas só naquele lado. Há um portão arruinado e, sob os arbustos, os vestígios dum antigo caminho que, indubitavelmente, existe. As roseiras bravas se expandem a cima e ao redor da colina. Entretanto, no ápice, com os montes de pedras eretas, só um estranho crescimento de musgo e grama raquítica. Escalei a colina. Passei muitas horas ali e notei um estranho vento que sempre parece soprar ao redor dos interditos monolitos e que, às vezes, parece sussurrar numa articulação estranha e misteriosamente enigmática.

Essas pedras, tanto em cor quanto em textura, não se assemelham a algo que eu tenha visto noutra lugar. Não são marrons nem acinzentadas mas dum matiz amarelo bem pálido fundido num verde maligno sugerindo o mimetismo dum camaleão. Sua textura é extravagante como a duma serpente escamada e é, inexplicavelmente, sensível ao toque, sendo fria e úmida como a pele dum sapo ou outro réptil. Próximo ao menir central tem um buraco de singular borda rochosa que não posso explicar mas que pode ser a entrada dum afilado túnel. Quando tentei descer a colina até a extremidade da casa, ao longe, encontrei as roseiras bravas que me interceptaram como antes. Entretanto o caminho até a casa era facilmente relocizável.

26 de abril

Galguei a colina, novamente, hoje na noite, e senti aquele vento sussurrante muito mais intenso. Os murmúrios quase irados se aproximaram da linguagem atual, dum tipo vago, sibilante, e me fizeram lembrar do sereno canto estranho que eu tinha ouvido a distância. Depois do crepúsculo veio um estranho relâmpago de prematuro verão iluminando o horizonte norte, seguido, quase imediatamente, dum estrepitoso trovão no céu oscilante. Algo nesse fenômeno me perturbou muito e não pude evitar a impressão de que o ruído culminou num tipo inumano de linguagem sibilante resultante duma gutural gargalhada cósmica. Minha mente está vacilando, afinal, ou minha injustificada curiosidade evocou inauditos horrores dos espaços crepusculares? O sabá agora está a alcance da mão. Qual será o fim?

27 de abril

Até que enfim meu sonho será realizado! Seja ou não reivindicada minha vida, espírito ou corpo, entrarei no portal! O progresso em decifrar esses cruciais hieroglifos na pintura estava lento mas nesta tarde encontrei a pista final. Perto do crepúsculo descobri o significado, que pode ser aplicado duma só maneira às coisas que encontrei nesta casa.

Há, sob esta casa, sepultado não sei onde, um Antigo que me mostrará o portal no qual eu entraria e me dará os sinais perdidos e palavras das quais precisarei. Quanto tempo estive enterrado aqui, esquecido, exceto por aqueles que criaram a pedra na colina e por aqueles que depois procuraram este lugar e construíram esta casa, não posso conjeturar. Procurando essa Coisa inquestionável, Hendrik van der Heyl veio a Nova Holanda em 1638. Os homens desta Terra não a conhecem, exceto nos sussurros secretos do arripio algum que achou ou herdou a chave. Nenhum olho humano a fitou, ainda que brevemente, a menos que, quem sabe, os desaparecidos magos desta casa investigaram além do que se pensa.

Com o conhecimento dos símbolos veio um domínio dos Sete Sinais Perdidos de Terror e, igualmente, um reconhecimento tácito das palavras horríveis e indescritíveis de pavor. Tudo aquilo que me falta realizar é o Canto que transfigurará Aquele Que Foi Esquecido que é Guardião do Antigo Portal. Me maravilhei muito com o Canto. É composto de estranhas e repelentes guturais e perturbantes sibilos que não se assemelham a algum idioma que alguma vez encontrei, nem mesmo nos mais negros capítulos do Livre d'Eibon. Quando visitei a colina no crepúsculo tentei ler isso em voz alta mas ecoou em resposta só um vago e sinistro estrondo no horizonte distante e uma tênue nuvem de pó elementar que se contorceu e girou como alguma coisa viva maligna. Talvez eu não tenha pronunciado corretamente as sílabas estrangeiras ou talvez só no sabá, aquele sabá infernal ao qual os poderes nesta casa não podem me proteger, que a grande transfiguração pode acontecer.

Tive um curioso turno de espanto nesta manhã. Pensei, num momento, ter lembrado onde vi aquele frustrante nome *Sleght* antes e o cenário de realização me encheu de horror indescritível.

28 de abril

Hoje escuras nuvens ominosas pairaram com intermitência em cima do círculo nesta colina. Notei tal névoa várias vezes antes mas agora os contornos e arranjos têm um instigante significado. São serpentinos e fantásticos e, curiosamente, como as assombrações malignas que vi na casa. Flutuam num círculo ao redor do cromeleche primitivo e revolvem repetidamente como se dotados duma vida e propósito sinistros. Eu poderia jurar que dão um sussurro irado adiante. Depois duns quinze minutos pairam lentamente ao longe, sempre a leste, como as unidades dum batalhão disperso. Realmente, são aquelas entidades terríveis que Salomão conheceu na velhice, aqueles seres negros gigantes cujo número é legião e cujo passo faz tremer a terra?

Ensaiei o Canto que transfigurará a Coisa anônima. Contudo temores estranhos me assaltam até mesmo quando articulo as sílabas resfolegando. Perscrutando todo o conjunto de evidência descobri que o único modo é atravessar a abóbada do porão cerrado. Aquela gruta foi construída com um propósito infernal e deve cobrir o esconderijo que conduz ao covil imemorial. Quais guardiões vivem eternamente ali e desabrocham de século em século com alimento desconhecido, só um alienado pode conjecturar. Só os bruxos desta casa que os convocaram da Terra interior os conheceram muito bem, como os chocantes retratos e recordações do lugar revelam.

O que mais me aborrece é a natureza limitada do Canto. Evoca o Inominado, contudo não provê método pro controle do que é evocado. Há, claro, os sinais gerais e gestos mas se demonstrarem eficácia pruma coisa pode, ainda, omitir algo. Ainda, a recompensa é grande o bastante pra justificar qualquer perigo. E não poderia me retirar se quisesse, pois uma força desconhecida francamente me instiga.

Descobri mais um obstáculo. Considerando que preciso atravessar a abóbada do porão fechado tenho de achar a chave. A fechadura está muito alto e é muito resistente pra arrombar. Não tenho dúvida de que a chave está nalgum lugar aqui mas falta pouco tempo pro sabá. Tenho de procurar com afinco. Terei coragem de destrancar a porta de ferro e encarar os horrores aprisionados espreitando de dentro?

Depois

Evitei o porão nos último dois dias. Mas nesta tarde desci novamente a esses recintos interditos.

No princípio tudo estava silencioso mas dentro de cinco minutos os murmúrios ameaçadores do miolo começaram mais uma vez a sair da porta férrea. Nessa vez era alto e mais terrificante que nas ocasiões anteriores. Reconheci aquele conhecido deslizar dalgum monstruoso monstro marinho, agora mais rápido e frenético, como se a coisa estivesse se esforçando pra chegar ao portal onde eu estava.

As passadas ficaram mais altas, mais inquietas e mais sinistras. Começou a bater nela essas reverberações infernais e mais enigmáticas que as que eu tinha ouvido em minha segunda visita ao porão. Reverberações amortizadas que pareciam ecoar de horizontes longínquos como um trovão distante. Mas agora o volume aumentou umas cem vezes e o timbre adquiriu novas e terríficas

implicações. Posso comparar o som com algo mais adequadamente que o urro dalgum terrível monstro da desaparecida era dos sáurios, quando horrores primitivos vagavam na Terra e os homens-serpente de Valúsia plantaram a pedra fundamental de magia malévola. Tal urro, se expandindo a alturas ensurdecedoras, jamais alcançado por alguma garganta orgânica conhecida era análogo a este estrepitoso som. Ousarei destrancar a porta e enfrentar a violenta investida do além?

29 de abril

Achei a chave da abóbada. No meio-dia a encontrei no pequeno aposento fechado, sob o entulho numa gaveta da antiga escrivaninha, como se nalgum esforço prà esconder. Estava embrulhada num jornal se deteriorando datado de 31 de outubro de 1872 mas havia uma envoltura interna de pele seca, evidentemente o couro dalgum réptil desconhecido, que ostentava uma mensagem em baixo latim na mesma garatuja escrita nos cadernos que encontrei. Como eu tinha pensado, a fechadura e a chave eram imensamente mais velhas que a abóbada. Não pude calcular essa diferença de idade. O velho Claes van der Heyl as tinha prontas pra algo que ele, ou seus descendentes, pretendia fazer. Decifrando a mensagem latina tremi num novo acesso de angustioso terror e indefinível espanto.

Os segredos da monstruosa Unidade primeva. Folheei o ilegível texto cujas palavras secretas relacionam as coisas ocultas que existiam antes do homem. Coisas que ninguém da Terra deveria aprender, pra não ter seu sossego perdido pra sempre. Isso jamais me deveria ter sido revelado. Pra Yian-Ho, aquela perdida e proibida cidade de eras incontáveis, cuja localização não pode ser revelada. Recebi a autêntico cerne desse conjunto como nenhum outro em vida. Ali tenho de me estabelecer e, assim, adquirir aquela sabedoria que eu queria, alegremente, perder. Mas não posso. Apreendi a atravessar um buraco que não deveria ser atravessado e tenho de invocar da Terra o que não deveria ser despertado nem chamado. E o que foi enviado pra me acompanhar não descansará até que eu ou os seguintes façam o que deve ser feito.

Daquilo que despertei e trago comigo não posso me separar. Assim está escrito no Livro das Coisas Ocultas. O que trago estará entrelaçado de forma terrível a meu redor e, se eu não viver pra cumprir sua ordem, essas crianças ao redor, nascidas e a nascer, virão depois de mim até a ordem ter sido cumprida. Estranha pode ser sua junção, e terrível a ajuda podem convocar até o fim ser alcançado. Em terras desconhecidas e ignotas se deve procurar e uma casa deve ser construída pros guardiões exteriores.

Esta é a chave daquela fechadura que me foi dada na cidade terrível, ancestral e proibida de Yian-Ho. A fechadura que eu ou os meus têm que colocar na entrada do que for encontrado. E poderão os senhores de Yaddith me socorrer, ou a ele, que tem que fixar aquela fechadura no lugar e chavear.

Tal era a mensagem que, uma vez que a tinha lido, parecia ter conhecido antes. Agora, escrevendo estas palavras, a chave está atrás de mim. A contemplei com medo e fascínio, sem ter palavra pra descrever seu aspecto. É do mesmo refinado metal desconhecido esverdeado fosco como a fechadura. Metal melhor comparado a bronze manchado com verdigris². Seu formato é estranho e fantástico e as pontas em formato de ataúde do maciço volume de lâminas não deixa dúvida de que a fechadura foi bem ajustada. A maçaneta forma grotescamente uma estranha imagem inumana cujo exato traçado e identidade não pude descobrir ainda. Ao a segurar, seja qual for o intervalo de tempo, sinto uma estranha e anômala agitação no metal frio. Um estímulo ou pulsação muito tênue pra reconhecimento ordinário.

Sob a aparição esculpida está uma baça legenda, usual nesses blasfemos hieroglifos siniformes³ que eu conhecia tão bem. Só pude entender o começo, as palavras: Minha vingança espreira... O início do texto estava desbotado a ponto de ficar confuso. Há alguma fatalidade no oportuno achado da chave, pois amanhã na noite será o sabá infernal. Mas, por incrível que pareça,

² Verdete, verdigris: Pigmento antigo, utilizado, sobretudo, até o século 17. Acetato básico de cobre, artificial, $\text{Cu}(\text{CH}_3\text{COO})_2 \cdot 2\text{Cu}(\text{OH})_2$

³ Siniforme: Em formato chinês

em toda essa horrorosa expectativa, a questão do nome Sleght me aborrece cada vez mais. Por que eu deveria temer ver nisso uma conexão com os van der Heyls?

Véspera de Valpúrgis, 30 de abril

Chegou a hora. Despertei ontem na noite e vi a chave brilhando com um esplendor esverdeado lírido, aquele mesmo verde mórbido que vi nos olhos e pele de certos retratos aqui, na fechadura chocante e na chave, no menir monstruoso da colina e em mil outros intervalos de minha consciência. Havia sussurros estridentes no ar, cochichos sibilantes como os do vento ao redor daquele cromeleche terrível. Algo falou a mim do gélido éter de lugar, dizendo Chegou a hora. É um presságio, e rio de meus próprios medos. Eu não tinha as palavras terríveis e os Sete Sinais Perdidos de Terror, o poder coercitivo dalgum Morador no cosmo ou no espaço ignoto? Não hesitarei mais.

O céu está muito escuro, como se uma formidável tempestade estivesse chegando. Uma tempestade até maior que a da noite em que cheguei àqui, uns quinze dias atrás. Da aldeia, menos que uma milha adiante, ouvi um balbucio estranho e desacostumado. Era, como pensei, aqueles idiotas, pobres degenerados, que compartilham o segredo e mantêm o terrível sabá na colina.

Aqui na casa as sombras se ajuntam densamente. Na escuridão o céu diante de mim quase brilhou com uma luz esverdeada própria. Entretanto não fui ao porão. É melhor esperar, pra evitar que o ruído daqueles murmúrios e resfolegares, essas fugidias e abafadas reverberações, me enervem antes que eu possa destrancar a porta fatal.

O que encontrarei e o que farei só tenho uma vaga idéia. Encontrarei minha missão na própria abóbada ou terei de escavar mais profundamente no coração noturno de nosso planeta? Há coisas que ainda não entendo ou, pelo menos, prefiro não entender, apesar duma sensação terrível, crescente e inexplicada de antiga familiaridade com esta casa medonha. Por exemplo, aquela calha que conduz a baixo do pequeno quarto fechado. Mas creio que a ala com a abóbada se estende até a colina.

6h da tarde

Olhando as janelas norte posso ver um grupo de aldeãos na colina. Parecem desavisados do céu ameaçador e estão cavando perto do grande menir central. Me ocorreu que estão trabalhando naquela pedra obtusa escavando naquele lugar o que parece ser a entrada dum afilado túnel. O que acontecerá? Quanto dos antigos ritos de sabá retiveram essas pessoas? Aquela chave brilha horrivelmente, não é imaginação. A usarei como deve ser usada? Outro assunto me perturbou muito. Folheando nervosamente um livro na biblioteca descobri uma mais ampla forma do nome que arreliou minha memória tão penosamente: Trintje, esposa de Adriaen Sleght. Adriaen me conduz ao mais remoto da memória.

Meia-noite

O horror está solto mas não devo desanimar. A tempestade desabou furiosa num pandemônio e raios atingiram a colina três vezes. Contudo, os híbridos e disformes aldeãos se ajuntaram dentro do cromeleche. Os posso ver nos relâmpagos quase constantes. As grandes pedras eretas surgem lamentavelmente com uma luminosidade verde fosco que os revela até mesmo sem raio. Os repiques de trovão são ensurdecadores e todos parecem responder horrivelmente a algum comando desconhecido. Enquanto eu escrevia as criaturas na colina começaram a cantar, uivar e gritar numa degenerada e simiesca versão do ritual antigo. O aguaceiro caía como uma inundação, contudo eles saltavam e emitiam sons num tipo de êxtase diabólico.

— Iä Shub-Niggurath!

— A cabra com mil filhotes!

Mas o pior está dentro da casa. Mesmo agora comecei ouvir sons do porão. São os o ruído daqueles murmúrios e resfolegares, as fugidias e abafadas reverberações dentro da abóbada.

Recordação vem e vai. O nome de Adriaen Sleght bate estranhamente em minha consciência. O genro de Dirck van der Heyl... Sua criança neta do velho Dirck e bisneto de Abaddon Corey...

Depois

Deus misericordioso! Afinal lembrei onde vi aquele nome. Sei, e estou cravejado de horror. Todos estão perdidos...

A chave começou a aquecer quando minha mão esquerda nervosamente a empunhava. Às vezes aquele acelerar vago ou pulsar são tão distintos que posso sentir quase o movimento de metal vivo. Veio de Yian-Ho prum propósito terrível e, pra mim, o qual todos também souberam tarde demais, que na coisa fluía o sangue de van der Heyl, que respinga nos Sleght em minha própria linhagem. Veio a horrível tarefa de cumprir aquele propósito...

Minha coragem e curiosidade minguaram. Sei o horror que existe além que porta férrea. Se Claes van der Heyl era meu antepassado é preciso que eu expie seu pecado inominável? Não irei. Juro que não!... (a escrita aqui prossegue indefinidamente)... Muito tarde. Não posso me ajudar. A garra negra se materializou. Fui arrastado ao porão...